métropolitaine. On suit bien les moments de plus grands efforts militaires grâce à la juxtaposition des récits d'offensives dans des territoires distants parfois de milliers de kilomètres, une même année nous baladant parfois de Balama (Guinée) à Dili (Timor). Mais cela n'est-il pas, parfois, en rapport avec la formation d'un nouveau gouvernement à Lisbonne ? avec une motion de censure ? avec des trac-tations inter-européennes, voire inter-impérialistes ? Paradoxalement, dans cette histoire de l'Empire comme un tout, et qui donc inclut nécessairement la métro-pole, c'est la métropole qui est par trop absente.

Il n'empêche. La « composante militaire majeure » de la période 1844-1926, voire 1941, que démontre l'ouvrage – à mille lieues des mythes sur les « *brandes costumes* » (douces mœurs) du colonisateur portugais – ne signifie pas que la conquête portugaise ait été plus violente que ses consœurs allemande, anglaise, belge, fran-çaise ou italienne. Simplement, elle l'est tout autant, ce qui est remarquable de la part d'une métropole pauvre et sans grands moyens. « Dans le cas portugais, il est naturellement abominable que le temps des liquidations – bien tardives pour une colonisation revendiquant une telle antériorité – ait été marqué par des méthodes et des actes d'une violence disproportionnée et parfois injustifiée. [Ces méthodes et actes] contrastent avec l'image plutôt paisible qui, généralement, est accolée aux Portugais dans l'inventaire des stéréotypes nationaux » (p. 312). Dans l'éventail des imaginaires sur les émigrés, n'est-il en effet pas bien connu que les-Portugais-ne-posent-pas-de-problème ? C'est ici qu'un mythe en télescope un autre : « ...bien que l'un [émigré] et l'autre [le colon] soient issus de la même matrice pauvre et dure, le comportement de l'émigré diffère sensiblement de celui du colon, et l'explication ne nécessite pas de longs développements psycho-sociologiques » (p. 312). L'ouvrage se termine alors par une remarque linguistique plaisante : « Au moins, la langue portugaise est-elle plus franche que les autres. Cas probablement unique, elle n'a qu'un seul mot pour traduire "explorer" et "exploiter"¹⁰. Louons-la donc. Avec elle, les masques tombent » (p. 312). Un livre indispensable.

Février 2007, Michel Cahen

Livio SANSONE, *Blackness without ethnicity : Constructing race in Brazil*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2003, 256 p., index, ISBN : 0312293747 (Edição em português : *Negritude sem etnicidade : o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*, Salvador, EDUFBA, Pallas, 2003, 352 p., ISBN : 8523203087, tradução Vera Ribeiro).

Temas como raça, etnicidade e cultura, crescentemente associados aos processos de globalização, carregam historicamente o peso dos mais variados estereótipos. Estes juntam-se com frequência a perspectivas analíticas orientadas por análises dicotômicas da vida social : racismo x cordialidade ; local x global ; tradicional x

¹⁰ En portugais, effectivement, le verbe *explorar* a les deux significations. R. PÉLISSIER avait déjà utilisé cette ambiguïté dans le titre de l'un de ses ouvrages de récits de voyage : *Explorar. Voyages en Angola et autres lieux incertains*, Orgeval, 1979 [1981], 256 p., ISBN : 2-902804-04-0.

moderno ; identidade negra x identidade nacional. O trabalho de Lívio Sansone é um brilhante e inteligente desmonte desses pressupostos tão firmemente ancorados em inúmeros trabalhos acadêmicos no vasto campo de sentidos associados à negritude, à mestiçagem e às peculiaridades do sistema racial brasileiro e suas modalidades próprias de racismo.

Não nos cabe aqui analisar o que levou a proclamada especificidade do Brasil como um país mestiço e cordial ser louvada no passado como um modelo não racista e exemplar como também as razões pelas quais, mais recentemente, a cordialidade tem sido atacada como uma das causas mais potentes do racismo que ela encobriria entre nós. A rejeição destes modelos bi-polares e da simplificação analítica que eles induzem abriu para Lívio Sansone um universo de pesquisa rico e complexo onde os sujeitos individuais e coletivos de sua narrativa apresentam-se « liberados » do engessamento destas construções. Podem ser « negros » pela cor sem serem « étnicos », podem ser « étnicos » sem se vincularem à uma cultura « comunitária », podem ser « nacionais » sem serem « tradicionais » ; podem ser « globais » e « cordiais » e também anti-racistas. O embaralhamento de associações identitárias antes mantidas numa ordem sociológica estanque e imutável propiciou um novo fôlego a este campo analítico. Temos assim sistemas mais sujeitos à mudança, a conexões imprevistas e portanto mais facilmente submetidos às injunções provocadas pelos conflitos de interesses e pelo exercício de sociabilidades entre grupos sociais interna e externamente diferenciados em termos de classe e de cor.

Através de um relato etnográfico baseado em diferentes momentos de trabalho de campo e acompanhado de dados e análises macro-sociológicas da sociedade brasileira atual, Lívio Sansone conduz o leitor através duas linhas argumentativas. Em primeiro lugar, sobre o campo das relações étnicas e raciais : este seria mais complexo do que o senso comum sociológico deixaria entrever. Lívio Sansone aponta pois a presença de um sistema mais fluido cujas regras são mais sujeitas à mudança e à manipulação. Em decorrência, analisa as diferentes estratégias tanto pessoais como coletivas elaboradas para o enfrentamento do racismo em circunstâncias diversas. Em segundo lugar, sobre o processo histórico em curso : as modalidades de criação e de apropriação de classificações raciais no Brasil estão mudando e o sujeito maior deste processo de transformação são os jovens, mais claramente atingidos e preocupados pelas formas da globalização em curso. As especificidades dos fluxos que atravessam o Atlântico Negro e as mudanças sócio-políticas no plano internacional, agora sob forte hegemonia norte-americana, geraram uma certa homogeneidade dos itens culturais oferecidos ao consumo que, no entanto, são submetidos às injunções sociais e culturais locais.

Há um tom otimista no trabalho de Lívio Sansone. Neste processo de transformações apontado busca destacar a emergência de sentidos positivos atribuídos à cor e à etnicidade negra no Brasil, sobretudo pelos jovens. Ao analisar diferenças geracionais ele dá relevo à emergência de novos valores entre a juventude negra hoje em dia : esta seria mais individualista, mais disposta a combater o racismo de que é vítima como também se mostraria mais claramente preocupada pelo valor chave da modernidade : os direitos civis.

Poderíamos designar como as « vias tortas da modernidade » a associação imprevista que Lívio Sansone destaca entre o consumo, a globalização e as demandas

por cidadania presentes significativamente entre a juventude negra no Brasil e no mundo. A estetização da cultura negra, através do consumo, associada ao que já designaram como um « hedonismo negro » faz parte do movimento de globalização que atinge esta juventude para além das fronteiras nacionais. Embora Lívio Sansone afirme que a ênfase no consumo pode ser uma « espada de dois gumes », ele destaca sobretudo o que seriam os seus efeitos positivos na elaboração de novas subjetividades marcadas por modalidades renovadas de negritude. A mais interessante consequência do consumismo, relacionado ao fluxo globalizado dos itens da cultura negra, seria a sua apropriação como instrumento de participação e inclusão na sociedade. O consumismo caminhará lado a lado a exigências cada vez maiores por direitos e por cidadania por parte dos jovens negros. O lado mais sombrio deste seria a frustração inevitável que gera entre aqueles que não conseguem usufruir e manipular os símbolos de status, assim alcançados, para usá-los nas suas estratégias contra o racismo. Infelizmente, como reconhece o autor, somente uma minoria consegue ter domínio das habilidades culturais necessárias para escapar da exclusão por estes meios.

A análise fina e a sensibilidade do autor para captar e para tecer uma narrativa onde uma multiplicidade de relações de sentido se entrelaça é um dos grandes méritos deste livro. Lívio Sansone conseguiu mostrar tendências, valorizar nuances e destacar mudanças sem recair nas velhas dicotomias que insistem em se fazerem presentes no campo das análises académicas. Eu faria alguns reparos na maneira como utiliza as noções de modernidade e de tradição. É possível encontrar em algumas passagens uma certa naturalização destas categorias o que, talvez, tenha induzido o autor a uma perspectiva a-crítica no seu emprego. Um entusiasmo, quem sabe um pouco excessivo, com a modernidade atual talvez seja um efeito colateral desta naturalização.

Dezembro de 2006, Patricia Birman